

ALVES, Rubem

O ENIGMA DA RELIGIÃO

Petrópolis, Editora Vozes – 1975.

RUBEM ALVES doutorou-se em teologia e filosofia nos Estados Unidos, onde lecionou em Universidades. Traduzido em vários idiomas, está atualmente radicado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Campinas.

Através de sete ensaios o autor analisa o fenômeno religioso humano, transpondo as barreiras das religiões institucionalizadas (cristianismo, budismo etc...), e chegando à sua essência: a experiência religiosa básica e a imaginação, o pensamento utópico do homem.

Ao longo das reflexões, sistemas de pensamento como o positivismo, o marxismo e a psicanálise são criticados em suas raízes filosóficas.

No primeiro ensaio, "O ENIGMA DA RELIGIÃO", é enfocado o problema da origem das religiões (entendidas não somente em suas formas institucionais). Essa origem é procurada na condição básica do homem, enquanto um ser dotado de imaginação, condição que o coloca num conflito entre a dura realidade do mundo objetivo e o "projeto de um mundo que possa ser amado". A religião também não é uma forma primitiva de ciência; ciência e religião coexistem na condição humana.

O segundo ensaio, "A MORTE DE DEUS: COMENTÁRIOS À AUTOBIOGRAFIA DO HOMEM", traz uma análise da deslocação da posição ocupada por Deus ao longo da História humana. A figura objetiva do Deus medieval se desloca das alturas até o túmulo, renascendo num plano subjetivo onde "crer em Deus é viver como se ele não existisse".

Como terceiro ensaio, segue "A METAMORFOSE DA CONSCIÊNCIA: CONVERSÃO". Aqui o autor penetra na experiência básica: a experiência religiosa, da qual as religiões institucionalizadas são uma pálida tentativa de transcrição. Essa experiência possui dois momentos: 1) A desestruturação do mundo (consciência), onde se partem todas as velhas formas de ver e sentir o mundo, de se ver e se sentir no mundo e 2) A reestruturação, a partir dos caos, num processo intraduzível à nossa lógica e símbolos.

"MISTICISMO: EMIGRAÇÃO DOS QUE NÃO TÊM PODER", o quarto ensaio, mostra o surgimento de novos deuses e religiões como

marcante sinal de descontentamento, manifesto contra a (racionalista) cultura instituída. Atrás dos vãos místicos encontramos sempre a consciência da radical contradição entre os valores e aspirações da personalidade e os produtos institucionais.

No quinto ensaio, "DO PARAÍSO AO DESERTO (REFLEXÕES AUTOBIOGRÁFICAS)", o autor percorre reflexivamente seus próprios passos dentro da teologia. Partindo da teologia "oficiosa" que lhe era imposta nos anos de seminário, chega-se à sua visão atual: a teologia como esperança, como forma de relacionamento com o outro, como ponte entre experiências, de homens e da humanidade.

"ESPERANÇA E OBJETIVIDADE: UMA CRÍTICA DA CIÊNCIA", o sexto ensaio, conduz o leitor aos pressupostos básicos (dogmas) da ciência: objetividade, estrutura matemática do objeto e verificabilidade, que, em última análise, excluem da ciência a imaginação. E os papéis estabelecidos, através da clara reflexão, se invertem: a ciência se torna conservadora e reacionária e a religião inovadora e revolucionária.

O último ensaio, "TECNOLOGIA E HUMANIZAÇÃO", surge como análise da tecnologia em nossa época. Tecnologia que, longe de ser um meio, tornou-se um fim em si mesma. E o homem, ao invés de utilizá-la para satisfazer suas necessidades, tem suas necessidades por ela criadas. Assim, necessário se faz reavivar o pensamento utópico, imaginativo, que desmantele a tecnologia como sistema e a utilize como ferramenta.

LEITURA OBRIGATÓRIA a todos que pensam criticamente o mundo em que vivem, independentemente de (alienantes ?) categorias profissionais (sociólogos, matemáticos, psicólogos etc...).

Valério Arantes
João Francisco Duarte Junior

SALMAN, Dominique H.
O LUGAR DA FILOSOFIA NA UNIVERSIDADE
Editora Vozes — 1 969.

Esta obra é uma conferência que o autor fez em 1 954 na Universidade de Montreal. Nela, ele se propõe a refletir um problema atual,

qual seja, o da importância da filosofia na universidade e de ambas em nossa sociedade.

Na introdução, ele nos coloca diante da pergunta: se a filosofia deve necessariamente estar vinculada a uma universidade, dado que historicamente nem sempre foi assim.

No cap. I o autor mostra-nos como é indispensável que a investigação filosófica se desenvolva dentro de uma universidade, pois esta é a única instituição capaz de fornecer os meios para qualquer investigação.

No cap. II o autor nos dá os três pontos básicos para uma investigação filosófica. Ela deve ser sistemática, histórica e científica.

Principalmente a dimensão científica é melhor satisfeita dentro de uma universidade, através do relacionamento dos filósofos com pesquisadores de outros departamentos. Isto levaria ainda a filosofia até eles.

No cap. III propõe que a universidade deve não só instruir em determinada matéria, mas sim educar o aluno em sua totalidade.

Para tanto, é preciso ensinar-lhe toda a tradição que se possui e dar-lhe meios para que ele possa progredir a partir dessa tradição.

No cap. IV afirma ser tarefa da filosofia dar ao estudante esta formação mais ampla de que falou acima.

Assim, é necessário que a filosofia seja dada como introdução aos estudantes de outras áreas.

Esta introdução deve partir de problemas próprios dos alunos procurando, a partir daí, levá-los a um conhecimento mais profundo e filosófico.

Concluindo, evoca Santo Alberto Magno, que, como filósofo, foi perfeitamente integrado, levando em conta o aspecto sistemático, histórico e científico.

A exemplo de Santo Alberto nos propõe, ainda, que a filosofia deve ser coroada pela teologia.

O autor coloca muito bem o problema atual da filosofia, ou seja, estar ela desvinculada e relegada a um plano inferior pelas outras ciências.

As soluções apresentadas podem ser perfeitamente usadas, levando-se em conta as realidades particulares de que se tratar.

SEVERINO, Antonio Joaquim

METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO: diretrizes para o trabalho didático-científico na Universidade

Cortez & Moraes Ltda., São Paulo, 1 975 — 96 págs.

Esta obra propõe-se auxiliar o estudante universitário a organizar metodicamente o seu trabalho intelectual, tornando o estudo rigoroso e obtendo dele maior rendimento. A perspectiva em que o tema será abordado é bem definida pelo próprio autor, na Introdução, quando afirma que este não é "um texto de Metodologia da Pesquisa Científica e muito menos um texto de Lógica da Ciência". E precisa que "... os objetivos deste texto didático se limitam à esfera do trabalho científico enquanto conjunto de atividades intelectuais realizadas no curso superior, apresentando diretrizes para a criação de hábitos de estudo que sustentem validamente as posturas integrantes deste trabalho".

A obra divide-se em cinco capítulos. O capítulo I fornece diretrizes para a leitura, análise e interpretação de textos. Inicialmente o autor propõe a divisão do texto a ser estudado em unidade de leitura, segundo determinados critérios. O estudo propriamente dito começa com a análise textual que, como primeira abordagem, visa à preparação da leitura. A segunda abordagem é feita através da análise temática, que busca a compreensão da mensagem global da unidade em questão. Em seguida, na análise interpretativa, tratar-se-á de situar as idéias do autor do texto. E, finalmente, a quarta etapa, a problematização, tratará de levantar problemas para a reflexão individual ou em grupo.

O capítulo II refere-se à Documentação como método de estudo pessoal, onde o autor propõe que toda aprendizagem, adquirida em aula ou através de leituras, seja documentada e esteja á disposição do estudante quando se fizer necessário. Três as formas de Documentação recomendadas: a Documentação Temática, a Documentação Bibliográfica e a Documentação Geral.

O Capítulo III refere-se à realização de seminários, recurso muito utilizado no ensino universitário. De início são explicitados os objetivos do seminário, que serão melhor alcançados se houver dele uma preparação cuidadosa e metódica. Expõe o autor a mecânica geral do seminário, desde a sua preparação até a sua execução. No fim do capítulo fornece sugestões quanto às variações possíveis das técnicas do trabalho em grupo na realização do seminário.

O Capítulo IV trata da elaboração da monografia científica, detalhando a metodologia necessária para a sua criação e expressão. As etapas de elaboração do trabalho compreendem: a determinação do tema, a elaboração de um plano provisório de trabalho, a leitura e documentação da bibliografia levantada, a construção lógica do trabalho, e, finalmente, a redação como última etapa. Sobre a técnica de redação encontramos normas bastante práticas e detalhadas. Ainda nesse capítulo, existe orientação geral sobre a elaboração de um Projeto de Pesquisa.

Finalmente, no Capítulo V, o autor aborda os pré-requisitos lógicos do trabalho científico. Refere-se à articulação do trabalho científico como um discurso, do ponto de vista lógico. Tece considerações quanto ao encadeamento lógico do pensamento, através do qual o trabalho é desenvolvido.

A obra contém ainda esquematizações sobre a matéria exposta, modelos ou exemplificações de algumas diretrizes propostas, bem como a indicação de uma bibliografia especializada.

Este livro fornece, sem dúvida, bom subsídio principalmente para aqueles estudantes que, ingressando na Universidade, sentem a necessidade de um estudo disciplinado e de uma orientação sobre como fazê-lo. A obra vem preencher uma lacuna do nosso ensino, que se não tem preocupado, como devia, com a orientação do aluno nesse particular, enquanto nós sabemos que em muitos países, cursos de "Como Estudar" são inseridos já no currículo do curso secundário. Aos professores, que muitas vezes se vêem solicitados pelos alunos a lhes dar tal orientação, esse texto é um bom instrumento de trabalho.

Enfim, a obra merece ainda maior crédito por ser fruto da experiência docente do próprio autor, que ministra a cadeira de "Metodologia do Trabalho Científico" nos programas de Pós-Graduação da área de Educação da Universidade Católica de São Paulo e do Instituto Educacional Piracicabano.

Profa. Lídia Maria Rodrigo